

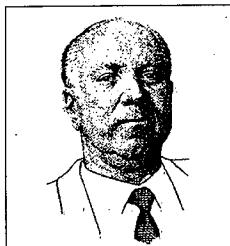
*Economia - Brasil*

GILBERTO DE MELLO KUIAWSKI

ESTADO DE SÃO PAULO

08 OUT 1998

# O saldo de um governo



**Nestes quatro anos, o País consolidou sua transição de Terceiro Mundo para emergente**

Para avaliar com isenção o saldo dos quatro anos do governo FHC, nada melhor que aplicar a distinção entre um par de conceitos introduzidos por Marías: condição e situação, coisas bem distintas. "Entiendo por situación como le va a uno; la condición, en cambio, se refiere a lo que uno es." Em outras palavras, condição seria a identidade de alguém; situação, as contingências a que estamos sujeitos, os altos e baixos da vida.

A pessoa pode estar muito descontente e amargurada com sua situação, mas feliz e realizada com sua condição. Um membro dessa categoria tão sacrificada e injustiçada como a dos professores pode ter mil e uma queixas de sua situação – trabalho em excesso, baixo salário, falta de reconhecimento, etc. Não obstante, se for um professor vocacionado, pode estar muito contente com sua profissão, que não trocaria por nenhuma outra. Um eclesiástico pode viver muito incomodado com a situação que lhe é imposta – celibato, baixa renda, obediência total ao bispo, disciplina e sacrifícios constantes. No entanto, nada impede que se reconheça intimamente feliz com sua condição. Todos nós já conhecemos certos doentes terminais e desenganados, que se sabem à beira da morte, e, sem embargo, irradiam a serenidade dos que se despedem da vida sabendo que combataram o bom combate.

Veja-se o rumoroso caso de Clinton, acossado pelo escândalo do "zipergate". As pesquisas estão divididas: os mesmos que absolvem o presidente americano parecem condená-lo, ao mesmo tempo. A ambigüidade se explica na medida em que a opinião pública condena Clinton pela situação escabrosa em que se meteu, mas o absolve na condição de um estadista que vem dando certo, apesar do jeito de meninão de cabeça fresca.

Como se percebe, é inegotável a fecundidade dessa distinção, aplicável a um sem-núme-

ro de casos, os mais variados. Não custa adequá-la ao Brasil de hoje, com resultados gritantemente contraditórios e que nem por isso se excluem.

O Brasil melhorou ou piorou durante o governo de Fernando Henrique? A resposta justa, rigorosa e imparcial é a seguinte: no governo FHC, o Brasil piorou de situação, mas melhorou – e muito – de condição. Por um

lado, todos são unâmes em reconhecer (até o governo) que a situação do Brasil não é boa, com o desemprego crescente, a estagnação econômica, a falta de dinheiro, o clima geral de descontentamento e a falta de perspectivas, a que acresce agora a crise financeira mundial, o agravamento do déficit fiscal, a fuga de capitais, o perigo da recessão, da moratória, da desvalorização cambial. Por outro lado, ninguém pode negar que o Brasil, enquanto nação, teve reforçada a sua identidade nestes quatro anos, com o adensamento de sua integração, o alargamento da consciência nacional, a elevação da auto-estima e com sua presença consolidada no cenário internacional.

Podemos queixar-nos, com razão, de nossa presente situação econômica e social, deficiente, insegura e nebulosa, mas temos motivos de sobra para nos congratularmos por nossa condição nacional, que, nestes quatro anos, ganhou outra ordem de magnitude, com o País ocupando mais espaço não só na consciência dos brasileiros como na comunidade internacional, onde vem adquirindo mais peso e prestígio. Quem soube visualizar este novo Brasil, sob o aspecto político-econômico, foi o economista Edmar Bacha, em entrevista a Suely Caldas, publicada neste jornal (15/9/98). Indiferente à mesmice catastrofista da imprensa e da generalidade de seus colegas, o brilhante e polêmico economista se alça a posições ousadas a respeito da crise, sem prejuízo do sólido realismo em que se apóia, realismo de vistas largas e abrangentes, em tudo contrárias à mediocridade das análises e avaliações que saturam ad nau-seiam os jornais e a televisão. Edmar Bacha centra sua entrevista no reconhecimento do novo papel estratégico reservado ao Brasil dentro da economia mundial, admitindo, implicitamente, a promoção do País àquela outra ordem de magnitude de que falamos.

Eis algumas das palavras encorajadoras daquele singular

economista: "O Brasil hoje está colocado numa junção crítica no sentido de ter-se tornado muito importante. É o Brasil quem está decidindo hoje como será a economia mundial no ano que vem, nos próximos anos. Nesse sentido, a importância estratégica do Brasil na economia internacional é hoje muito maior do que o tamanho do seu PIB ou de sua posição no comércio mundial. Porque, se a batalha travada no Brasil for vitoriosa, salva a América Latina inteira. E se, em seguida, for feito um acordo político no Japão que permita a superação do sistema bancário, é possível contemplar o ano de 1999 sem recessão ao nível da economia mundial. Se, ao contrário, a batalha no Brasil for perdida, arrasta junto a América Latina e, provavelmente, não dá tempo de resolver a questão japonesa. Em razão dessas características, eu tenderia a olhar a situação do Brasil com olhos muito mais amplos. Não se trata de fechar esta ou aquela torneira, mas muito mais de adotar outro tipo de posição em termos de interação de política econômica, em nível estratégico com o G-7."

Em vez de se deixar arrastar pela reação de manada, como os investidores que fogem espavoridos das bolsas ou como os economistas que anunciam a agonia do capitalismo e profetizam para o Brasil o futuro da Rússia, Edmar Bacha, mais suave, mais sereno, muito mais criativo, propõe transformar uma situação de dificuldade numa situação de oportunidade, conforme ele mesmo declara. Antecipando o discurso de Fernando Henrique mobilizando o País para a recuperação da normalidade das contas públicas, Bacha já prevê a ação coordenada dos três poderes em nível federal, estadual e municipal. Com um adendo: a atribuição de poderes constitucionais ao próximo Congresso.

Nos quatro anos do governo FHC, o Brasil consolidou sua transição do Terceiro Mundo para a condição de país emergente. Seria imperdoável que a situação negativa que atravessamos ameaçasse a conquista da nova e promissora condição que viemos de conquistar.

